

A MEMÓRIA DAS MUITAS VOZES DE ANA LUISA AMARAL

Gisele Giandoni Wolkoff
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Pela “Psicanálise Da Escrita”, Ana Luísa Amaral nos ensina que “todo o poema [...] é um estado de paixão”, ao mesmo tempo que “é sobre aquele// que sobre ele escreve”. Assim, *Vozes* trata de revelar de maneiras inéditas que a metalinguagem é um recurso de arma afiada de que dispõe a sociedade para lutar contra os seus medos e ultrapassar os limites dos discursos: tal ato amoroso em forma de arma afiada chama-se Poesia. Por todo o livro, voamos com a memória: aprendemos que entre esta e a saudade, há, para além dos sentidos e sentimentos apaixonados e (dis)postos em verbo, a razão desmedida da palavra, que no caso de Amaral é *medida à régua*, em equidade (para não dizer maestria superior) com a palavra bem urdida, a *urna bem trabalhada* em referência ao verso de John Donne, “the well-wrought urn”, retomado por John Keats e pelo trabalho crítico de Cleanth Brooks, o qual considera a poética de T. S. Eliot “uma urna bem trabalhada.” Este volume de Ana Luísa Amaral lançado em 2011, *Vozes*, reitera o que a sua obra anterior, reunida em 2010, *Inversos*, já evidenciara: os seus versos são urdidos em medida acertada, *a urna bem trabalhada*, que a insere ironicamente na tradição (masculina).

No poema “Em Trovas De Memória: A Dama Responde” vê-se a recuperação de uma tradição, a do trovador, bem como a sua continuidade. A polifonia linguística que acompanha o texto, entremeado de inglês e francês, em franco diálogo humorístico com William Shakespeare (“Shall I compare thee, Sir,/ to a day full of snow...” ao soneto XVIII “Shall I compare thee to a summer’s day?”) o qual vai seguir na discussão da própria elaboração dos versos em outros poemas, como em “Outro Sal De Memórias: A Dama Responde”:

O inferno é isto:
pensar a saída
do caderno velho
onde tão bem estou
E vós a puxardes-me
sem qualquer cuidado.
Deixai-vos, senhor,
ficar sossegado
(AMARAL, 2011, p. 50-52)

sem a palavra ou, com menos palavras, conforme revelará o histórico e tradicional papel das mulheres na sociedade e, portanto, na literatura – em silêncio. O sossego parece estar no diálogo musa-criadora, que ultrapassa a metafísica da morte, em “morrer é partir” (verso que já aparece no poema “Mais Um Sal De Memórias: Fala O Cavaleiro”) porque a coletânea *Vozes* gradativamente recria a morte: “morrer é estardes// como estais aqui// no caderno velho.” (AMARAL, 2011, p. 48) a ocupar a imaginação, a ditar as novíssimas vozes de Salomé, as brincadeiras da linguagem de quem a tece em intertextualidade e em busca de novas expressões do feminino: as muitas vozes que passam a existir (ainda que em ruidoso estrondo, mais que barulho, para quem *tem medo das palavras que não são de Virginia Woolf*). Parece existir um movimento poético na estética toda de Ana Luísa Amaral que atesta o sujeito feminino plural como marca do contra-discurso hegemônico por que e com que lutam ainda as mulheres (e não só em Portugal). Esse contra-discurso também está além da ensaística, além da lógica acadêmica e (des)ritmada das políticas públicas. Está na Poesia – e isso se confirma neste novo volume.

Além disso, o livro todo, *Vozes*, metonimicamente neste poema, constitui-se de metáforas – como a da lua que “é de pó/ e o pó de nenhum/ presente que ao dar-vos/ vos deixasse inteira. (AMARAL, 2011, p. 47) E, ainda, nos vários diálogos e intertextualidades apresentadas, como aquele no poema “*Et Pourtant, Antes Tu Que A Terra Fria*”, que se inicia com a epígrafe, por sua vez, primeiro verso do poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage a conferir à escrita a categoria de *tu*, interlocutor da persona-lírica, por meio da personificação que acontece em outras passagens do livro. Ou, ainda, no poema que retoma o soneto (“quase soneto e de Amor!”), que comprova que a única “doença da imaginação” seria não escrever e, portanto, escrever impõe-se, como também visto nos apontamentos do ar (“Do Ar: Apontamentos”):

Resta-me só
sinestesia
e pouco mais:
talvez falar do mito
e imitar com Ícaro
o medo

ou a alegria
que o chão traz-
(AMARAL, 2011, p. 34)

Provavelmente o momento mais metalinguístico do livro, “Nem Diálogo, Ou Quase”, desafia a escritora a duelar com a escrita: a materialidade da vida nas comparações e metáforas, sobretudo nas estrofes quatro e cinco (*uma sala a sol, os grãos de luz, o rio...como roda*) enquanto indícios de que o olhar da poeta é (como) o de uma criança – *tudo novo*:

Entre verde e caderno, tudo novo,
o azul quase gume,
as espadas de gume circular,
o tempo em vidro...
(AMARAL, 2011, p. 28)

que é o tempo necessário do silêncio, o silêncio necessário à criação, conforme “Da Solidão Da Luz”. Há nesse poema, de maneira metonímica a todo o livro e à própria estética de Amaral, uma forte consideração metafísica sobre aquilo que seria capaz de nos salvar: a escrita como memória, porque a finitude da vida, estabelecida entre o mundo material e o universo, é inevitável, a sua própria finalidade:

À casa em ruínas salvam-na essas asas
que vejo daqui, saltam da janela
e entram nesta sala
[...]
devorando o ar. E a casa em ruínas
abrandada em tempo, vogando no branco
de resplandecentes seis sílabas. Sós.
(AMARAL, 2011, p. 25-26)

Sem silêncio. E, sobre este, vale lembrarmos o que disse Eni Puccinelli Orlandi:

o silêncio é garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. O silêncio não é pois [...] o ‘tudo’da linguagem. Nem o ideal do lugar ‘outro’, como não é tampouco o abismo dos sentidos. Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.” (ORLANDI, 1997, p. 22-23)

Afinal, as muitas vozes de *Vozes* não se calam, encontram-se e constituem a pluralidade do barulho que a poesia feminina inscreve, desenha e projeta à sociedade, a partir de Ana Luísa Amaral.

A sonoridade estabelecida pela aliteração do /s/ volta a trair e a atrair o som (e o sentido) aos poemas de *Vozes*, contrariamente ao que o

poema “Nocturnal, Desatraindo O Som”, em modernista tom conversacional, sugere: aceitar a influência que alguém como T. S. Eliot, ironicamente, exerce na estética de Amaral.

Os silêncios – que são os não-silêncios todos nas *Vozes* de Amaral, o grande barulho social e psicológico, dedicado ao amigo falecido em 2010 Paulo Eduardo Carvalho, no poema que abre o volume de 35 poemas, “silêncios” – apresentam-se em descumprimento, cumpridos na falência do não-silêncio, das palavras que, se para a autora “não chegam// – mas cegam”, aos leitores chegam sempre e muito; em um movimento inverso ao que tenta regrar a metalinguagem que desenham os poemas reunidos neste volume e que se inicia na compreensão de como se dá a quebra do silêncio – em “Biografia Curtíssima”: “...se não fossem// os beijos que eu não tinha,// não havia poema.” (AMARAL, 2011, p. 13)

Entre memória e saudade, *Vozes* reúne Poesia que (en)canta e incomoda, porque celebra o barulho da multiplicidade das vozes femininas que são as subjetividades da poeta no século XXI e, ao fazê-lo, insere-se no cânone literário contemporâneo. Há vários outros indícios de re-contares femininos, como o que se vê no poema “Inês e Pedro: quarenta anos depois”, os quais acabam por constituir toda uma nova estética da poesia, proposta por Ana Luísa Amaral, nos seis movimentos do livro, nomeadamente, “A Impossível Sarça”, “Breve Exercício Em Três Vozes”, “Trovas De Memória”, “Escrito À Régua”, “Outras Rotações: Cinco Andamentos” e “Outras Vozes”, que são as musas, recriadas pela poeta, mulher, que faz o instante eterno, sem o saber ou o admitir, como nos versos que encerram o volume: “Eu, que nada mais sei, só o fulgor do breve,// Eu dava-te palavras” (AMARAL, 2011, p. 117)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Luísa. *Vozes*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

BROOKS, Cleanth. *The Well-Wrought Urn: Studies in the Structure of Poetry*. San Diego, New York, London: Harcourt Brace & Company, 1975.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SHAKESPEARE, William. *William Shakespeare: The Complete Works*. Stephen Orgel; A.R. Braunmuller (eds.). Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 2002.